Coletânea detextos Poio a An. Agoio a An. Sala de Aprendizagem GOVERNO DO PARANA

GOVERNO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

COLETÂNEA DE TEXTOS: **LÍNGUA PORTUGUESA**SALA DE APOIO À APRENDIZAGEM

CURITIBA março - 2005 Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional, conforme Decreto Federal n.1825/1907, de 20 de dezembro de 1907.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

Catalogação no Centro de Documentação e Informação Técnica da SEED - Pr.

Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental.

Coletânea de textos: língua portuguesa, sala de apoio à aprendizagem / Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Ensino Fundamental. - Curitiba: SEED - Pr., 2005. - 65p.

1. Leitura. 2. Língua Portuguesa. 3. Ortografia. 4. Gramática. I. Rocha, Dirlei Terezinha da. II. Duarte, Denise Schirlo. III. Porto, Márcia Flamia. IV. Sala de Apoio à Aprendizagem. V. Caderno do professor. VI Título.

CDU 373.31:806.90 (816 2)

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
Departamento de Ensino Fundamental
Avenida Água Verde, 2140
Telefone: (0XX)41 3340-1712 Fax: (0XX)41 3243-0415

www.diaadiaeducacao.pr.gov.br 80240-900 CURITIBA - PARANÁ

> DISTRIBUIÇÃO GRATUITA IMPRESSO NO BRASIL PRINTED IN BRAZIL

Colaboradores

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Tema: Quelônios Márcia Flamia Porto Maria Otília Wandressen

NRE Cascavel Tema: Pipas

Ana Lúcia Toledo Fischer da Silva

Edna Anita Lopes Soares

Jucimara A. R. da Luz Piekazevicz

Jussara Terezinha Henn

Silvana Gadonski

NRE Maringá

Tema: Meio Ambiente Edna Maria Capelari Glaciany S. G. Occhi Inesa Nahomi Matsuzawa

Leonor V. M. R. Martinez Luísa S. O. Polidório

Midori Shima Neusely Percio Solange Botion Neri Taíz de Farias Lara Tânia Maria F. Martins

NRE Ponta Grossa

Tema: Animais

Jeanine Sabedotti Breda Capri

Rira de Cássia Capri

Rita de Cássia Soares Lopes

Sandra Mara Capri

NRE Paranavaí

Tema: Adolescente

Ada B. B. de Freitas

Darci Aparecida Françolin

Deolinda de Jesus Matos Barradas Laura Maria de Andrade da Silva

Magnez Heckmann Casado

Roberto Persil

NRE Campo Mourão

Tema: Vida Urbana

Deise Gebhard

Lilian Maria Hodniuk

Maria Rosa de Lima Brito

Marilda Garcia Valle da Silva

Mariusa Cristina Baum

Marli Ferreira Lima

Solange Cristina Zanin

NRE Apucarana

Tema: Meios de Comunicação

Afife Maria dos Santos M. Fontanini

Kátia Regina Martins Bilotti

Madalena Stryzakowsky

Maria Ivete dos Santos Luz de Paulo

Sueli Lucia Beletato

Zélia Souza Santos Vaz

NRE Ivaiporã

Tema: Diversidade Lingüística

Cleusa Borges dos Santos

Georgette Vanessa J. Carneiro Chaves

Iracema Kalinke Pereira

Maely Barbosa

Rosemary Emiliano Backes

Zilda Boesso Prado

NRE Foz do Iguaçu

Tema: Turismo

Eronildes P. Miranda

Maria Albertina de Souza Santos Maria Amália Rodrigues de Lima

Maria da Conceição Marques carvalho

Maria das Dores Gomes

Marlene Warken

NRE Toledo

Tema: Aventuras

Alice Maria Bohnen

Carmeluci Segantini

Lucila Garicoix Recalcatti

Maria Helena Garicoix

Marlene Marques

Salete Sinhori

Shirley Gaiowski

Simone Silvia Bedin Coelho

DEF/SEED

Tema: Trânsito

Dirlei Terezinha Rocha

Márcia Flamia Porto

Diagramação e arte

Isabel Cristina Cordeiro Pinto

Revisão

Francisco Johnscer Neto

GOVERNO DO PARANÁ

Roberto Requião Governador

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Mauricio Requião de Mello e Silva Secretário

DIRETOR GERAL

Ricardo Fernandes Bezerra

SUPERINTENDENTE DA EDUCAÇÃO

Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Fátima Ikiko Yokohama

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lilian Ianke Leite

ORGANIZADORES

Dirlei Terezinha da Rocha Denise Schirlo Duarte Marcia Flamia Porto

ASSESSORIA PEDAGÓGICA

Maria Beatriz Ferreira Marlene Aparecida Comin de Araújo



Estimado aluno

Ler, escrever e calcular são operações de raciocínio muito importantes para todos nós. Elas permitem que a aventura humana e as incertezas que a envolvem sejam compreendidas em sua complexidade, preparandonos, quando praticadas conscientemente, para enfrentar problemas e buscar alternativas para superá-los.

As Orientações Pedagógicas sugeridas neste Caderno foram elaboradas para favorecer a inteligência de nossos alunos, numa demonstração clara de que é possível organizar coletivamente conhecimentos fundamentais que garantam as oportunidades de desenvolvimento escolar para todas as crianças paranaenses. Esse esforço comprometido de nossos professores com a qualidade do ensino e da aprendizagem nas Salas de Apoio à Aprendizagem, o rigor metodológico com que pensaram cada tópico do Caderno e o cuidado com a sua apresentação gráfica dão provas do entusiasmo desse ofício.

Nosso desejo é ver as atividades da Sala de Apoio transformadas em experiências pedagógicas de qualidade, de modo que o tempo de estudar e de aprender ganhe novo sentido, se expanda e se renove a cada dia.

Mauricio Requião

Secretário de Estado da Educação



APRESENTAÇÃO

Caro Aluno

Este Caderno, que ora entregamos a você, aluno da Sala de Apoio à Aprendizagem, é a comprovação da capacidade criativa de professores do Ensino Fundamental da Rede Pública do Paraná. Essa coletânea de textos, faz parte de um caderno com orientações que foi idealizado, durante várias etapas, num rico processo de produção coletiva, coordenado pelo Departamento de Ensino Fundamental e pelos Núcleos Regionais de Educação ao longo dos últimos dois anos.

Seu objetivo é proporcionar aos alunos a leitura de textos diversificados que, somado ao material entregue ao seu professor e outros existentes na escola, possa contribuir para seu aprendizado na Sala de Apoio à Aprendizagem.

Temos certeza de que este material – não só pela qualidade de seu acabamento editorial, mas principalmente pela originalidade de sua produção – irá auxiliá-lo a superar dificuldades de leitura, escrita.

E, com isso, estará também contribuindo para que o recurso às Salas de Apoio à Aprendizagem - 5ª série, seja cada vez mais temporário e esporádico em nosso sistema de ensino, a ponto de ser desnecessário.

Um abraço.

Fátima Ikiko Yokohama

Chefe do Departamento de Ensino Fundamental



Caro aluno

Você tem em suas mãos uma coletânea de textos que fazem parte de um caderno com orientações pedagógicas.

São diferentes textos (poéticos, informativos, narrativos, charges, cartuns, pinturas, fábulas, publicitários, mapas, entre outros) que abordam várias temáticas. Esses textos foram retirados de revistas, jornais, livros, sites da internet, etc.

Pretendemos que este material contribua, nos momentos de discussão e leitura, abrindo seus horizontes, incentivando a pesquisa e a busca contínua de informações significativas para sua vida e para o prosseguimento de seus estudos.

> Abraços Equipe pedagógica - DEF e NRE.





SUMÁRIO

Tartarugas	10
Tartarugas	40
UNIDADE 02	
UNIDADE 02 Pipa	21
UNIDADE 03 Meio ambiente	30
UNIDADE 04 Animais	33
UNIDADE 05	
UNIDADE 05 Adolescência	37/
UNIDADE 06	
UNIDADE 06 Vida urbana	43
UNIDADE 07	
UNIDADE 07 Meios de comunicação	46
UNIDADE 08	
UNIDADE 08 Diversidade linguística	49
UNIDADE 09	
UNIDADE 09 Turismo	52
UNIDADE 10	
Aventuras	56
UNIDADE 11	
UNIDADE 11 O Trânsito	60
ANEXOS	65



Quelônios

Quais as diferenças entre tartarugas, cágados e jabutis?

A tartaruga é um animal aquático. Existem tartarugas de água salgada e de água doce. **As** que vivem em água doce são semi-aquáticas, pois também vivem em terra. Os membros das tartarugas transformaram-se em nadadeiras, para facilitar **seus** movimentos na água.

Esses quelônios geralmente têm um metro de comprimento e pesam cerca de 200 quilogramas. **Mas** há exemplares de até 2,5 metros e 800 quilogramas.

As tartarugas comem frutas e sementes. Só comem carne quando não encontram **esses** alimentos. A carne das tartarugas é muito saborosa e apreciada no mundo inteiro.

Os cágados vivem em água doce ou em terra. **Seus** membros têm cinco dedos terminados em unhas. São menores que as tartarugas, pois medem entre 15 e 30 centímetros. Alimentam-se de peixes e, em cativeiro, aceitam pedaços de carne e minhocas.

Os jabutis são terrestres. Vivem na mata, sob as árvores, **mas** gostam de banhos demorados. Sabem nadar, mas não mergulham como as tartarugas e os cágados.

Medem entre 35 e 40 centímetros, mas alguns chegam até a 70 centímetros de comprimento.

Os membros dos jabutis parecem pequenas patas de elefante e **seus** cinco dedos terminam em grossas unhas. Alimentam-se de frutas e suportam bem o cativeiro.

BARROS, Carlos; PAULINO, Wilson C. **Ciências:** os seres vivos – ecologia e saúde. São Paulo: Ática, 2002, p.251.



A morte da tartaruga



O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou **penalizada**, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. "Cuidado, senão você acorda seu pai". Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.

Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, **estremunhado**, ver de que se tratava. O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: – "Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faço. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito". O pai examinou a situação e propôs:

— "Olha, Henriquinho. Se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai". O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse: — "Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral". (Empregou de propósito a palavra difícil). O menininho parou imediatamente de chorar. "Que é funeral?" O pai lhe explicou que era um enterro. "Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário. Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos velinhas, cantamos o **Happy-Birth-Day-To-You** pra tartaruguinha morta e você assopra as velas.



Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia que ela morreu. Isso é que é um funeral! Vamos fazer isso? O garotinho estava com outra cara. "Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela". Saiu correndo. Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal. "Papai, papai, vem cá, ela está viva!" O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruga estava andando de novo, normalmente. "Que bom, hein?" – disse – "Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!" "Vamos sim, papai" – disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande – "Eu mato ela".

Moral: O importante não é a morte, é o que ela nos tira.

FERNANDES, Millôr. Fábulas fabulosas. 11ª ed. Nórdica, [s.d.] p.100-101.

Millôr Fernandes: é um dos nossos escritores mais criativos. Jornalista, trabalhou em *A Cigarra, O Cruzeiro, Tribuna da Imprensa, Correio da Manhã, Pasquim*, etc. Em tudo que escreve está sempre presente o humor. Por vezes sutil, ou escrachado, surreal, original, anárquico... Mas sempre o humor

Conhecendo mais sobre as tartarugas

Tartaruga-verde (Chelonia mydas)



Também chamada de aruanã, ela gosta de desovar em ilhas oceânicas. No Brasil, a maioria dos ninhos foi registrada em Fernando de Noronha, na Ilha de Trindade e no Atol das Rocas. Mas é na Costa Rica que a espécie se encontra em maior quantidade. Com mais de 1 metro de comprimento e pesando cerca de 300 quilos, é a única tartaruga marinha que prefere uma dieta exclusivamente à base de algas.



Cabeçuda (Caretta caretta)

É a espécie mais numerosa no Brasil, desovando em quase todo o litoral. No Espírito Santo recebe o nome indígena careba. A adulta mede mais de 1 metro de comprimento e chega a pesar 180 quilos. Seu nome é merecido: possui mandíbulas grandes e fortes, semelhantes a um bico de pássaro, adaptadas para quebrar qualquer tipo de concha. Afinal, mariscos são seu prato predileto.



Tartaruga-de-pente (Eretmochelys imbricata)

É a principal vítima dos pescadores: sua bela carapaça com placas negras sobrepostas sobre um fundo amarelo, é vendida para indústrias de pentes e bijuterias. De tamanho médio, ela tem entre 78 e 90 centímetros de comprimento e pesa até 150 quilos. Desova no Oceano Índico e na parte ocidental do Pacífico. No Brasil, ela geralmente põe seus ovos no litoral baiano.

Lepidochelys olivacea



A menor das tartarugas marinhas brasileiras – ela tem, no máximo, 65 centímetros de comprimento e seu peso raramente excede 60 quilos, graças a carapaça fina – ainda não tem nome popular. A mandíbula frágil só consegue mastigar pequenos moluscos. Seu local predileto para a desova é a Praia de Pirambu, 30 quilômetros ao norte de Aracaju, em Sergipe.



Tartaruga-de-couro (Dermochelys coriacea)

Ela pode alcançar 2 metros de comprimento e 800 quilos. Possui uma carapaça de gomos flexíveis, semelhantes à borracha. Sua gordura é cobiçada para impermea-bilizar barcos e servir de combustível para lampari-nas. Grande mergulhadora, hoje a tartaruga-



de-couro é rara em todo o mundo. A maioria desova na Guiana Francesa. No Brasil, neste ano, foram registradas três tartarugas, no Espírito Santo.

SUPERINTERESSANTE, São Paulo:nº 6, jun.1991

A tartaruga pode viver mais de 100 anos

Quantos anos vive uma tartaruga?

A tartaruga vive entre 80 e 100 anos. Há registros de uma tartaruga da espécie *Terrapene carolina* que sobreviveu até os 135 anos, nos Estados Unidos, fora do cativeiro. As tartarugas estão entre os animais de vida mais longa e é o único animal hoje que vive mais que o homem. Um fato curioso é que o crescimento desse réptil não é muito lento. Com cerca de dez anos ele já atingiu sua maturidade. Um dos critérios usados para saber a idade da tartaruga é contar os anéis que formam seu casco. Mas, com o passar do tempo, esse critério deixa de ser útil porque o número de anéis aumenta muito e não é mais possível distingui-los. Muitas vezes, o tamanho da tartaruga pode ser um indicativo da sua idade.

SUPERINTERESSANTE, fev. 1995.



Jabuti



É o mais fácil de encontrar. Suas patas são parecidas com as do elefante, vive no seco e come apenas duas vezes por semana (no inverno, só uma vez em dez dias). Alimenta-se de verdura, frutas carne ou peixe moído. Também precisa de uma tigelinha de água.

Cágado

O pescoço do cágado é tão comprido que ele não consegue encolhê-lo. Quando está com medo, dobra-o e coloca-o de lado, com a cabeça por baixo da

carapaça. Há quem diga que ele tem cabeça de cobra. O cágado vive na água e precisa de um lugar onde possa nadar e de uma praiazinha seca, para tomar sol.





Tartaruga

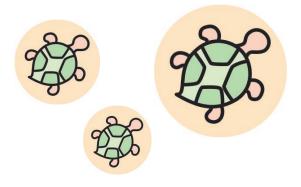


A tartaruga, tigre d'água ou tartaruga japonesa (na verdade não tem nada de japonesa) é do Rio Grande do Sul. Aquática, precisa de lugar para nadar e de areia seca, porque respira ar e não água. O tigre d'água é verdeamarelo, sua pata é uma nadadeira.

O desenho da parte de baixo do casco é sempre único. Não há duas tartarugas iguais.

O jabuti, o cágado e a tartaruga têm sangue frio. Por isso, no inverno, é bom aquecê-los com lâmpadas.

O Estado de S. Paulo, Estadinho, 9 dez.1990. adapt.



Tartaruga - risco de extinção

A maior tartaruga que existe é a tartaruga-de-couro, que vive no mar. Ela chega a pesar seiscentos quilos e sua carcaça pode medir até 2 metros de comprimento.

Essa espécie está ameaçada de extinção. Isso porque o homem caça esse bicho para comer a sua carne e aproveitar o seu couro e carcaça. A "tartaruga japonesa" é a mais comum. Ela não tem os olhinhos puxados, mas recebeu esse apelido porque foram os japoneses que começaram a vendê-las nas feiras.

FOLHINHA de São Paulo, 15 mar. 1987.



Projeto Tamar

O projeto tartarugas marinhas fixou uma base entre a Baía do Sueste e a Praia do Leão, principal local de desova das tartarugas em todo o arquipélago. A linha de trabalho segue o verificado em outros postos: conscientização da população local quanto à necessidade de preservar os ovos e não-captura dos indivíduos adultos; pesquisas relativas aos hábitos das espécies; envolvimento do ex-pescador na preservação das tartarugas.

Na praia do Leão e do Sancho ocorre a desova da tartaruga aruanã. A partir de novembro, quando se inicia o período de reprodução, podem ser observadas junto à superfície. De dezembro a maio ocorre a desova e a incubação demora 50 dias. À noite as tartarugas aproveitam a escuridão e a queda na temperatura e iniciam a jornada pela areia onde depositam seus ovos.

A tartaruga de pente, ameaçada de extinção, não desova nesta região. Indivíduos desta espécie podem ser encontrados nas águas do arquipélago, pois o utilizam como local de crescimento e alimentação.

Ao contrário do verificado na Praia do Forte, os ninhos não são removidos para áreas cercadas. Os locais das desovas são sinalizados e identificados por um bastão, permanecendo intocados até a eclosão dos ovos quando então ocorre o trabalho de verificação e contagem. Constantemente os responsáveis percorrem as praias procurando novos ninhos e verificando as eclosões que, invariavelmente, ocorrem durante a noite.

Levantamentos estatísticos demonstram que o número de desovas/ano tem aumentado. Isto ocorre exclusivamente pela redução na captura de tartarugas já adultas e não pelo retorno de crias protegidas pelo TAMAR que ainda não atingiram a idade de procriação.

As tartarugas não vivem junto aos locais onde se reproduzem. Algumas espécies percorrem milhares de quilômetros antes de desovarem.

As tartarugas deixam seus ovos na mesma praia onde nasceram. Elas se orientam e identificam uma praia por sua peculiar luminosidade. Qualquer interferência humana, como luzes artificiais, inibe ou desorienta a desova.

Disponível em www.tamar.com.br



Os números do Tamar

Todas as informações coletadas pela equipe técnica são repassadas para um banco de dados central, onde os números são analisados. No primeiro ano de proteção dos ninhos com cooperação dos pescadores, ainda na década de 80 foi contabilizado o nascimento de dois mil filhotes. Só na última temporada de desova, que terminou em março deste ano, foram mais de 300 mil novas tartarugas do mar. Até hoje, o Tamar liberou 3,5 milhões de tartarugas que nasceram sob sua proteção. Atualmente, o projeto conta com 21 estações de pesquisa espalhadas pelo litoral brasileiro, desde o Ceará até São Paulo.

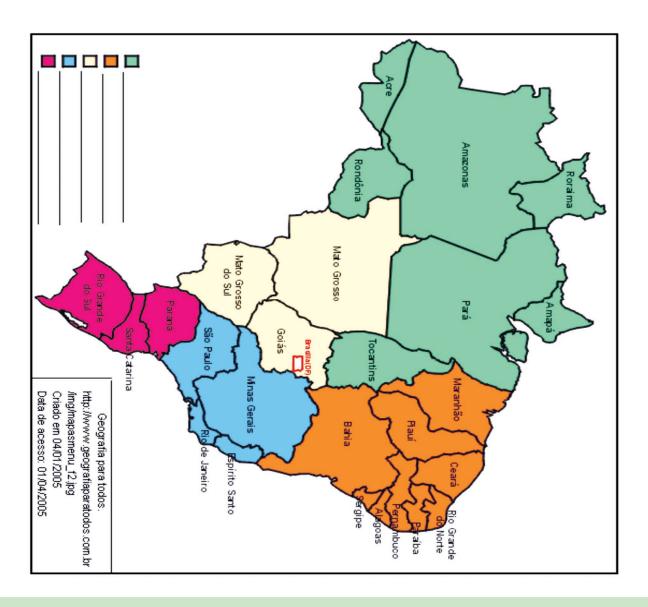
Por enquanto, ainda é difícil monitorar o crescimento populacional dessas espécies. Os primeiros filhotes ajudados pelo Tamar, no início da década de 80, ainda não se tornaram adultos. Em média, a maturidade sexual das tartarugas marinhas só chega por volta dos 30 anos. Assim, ainda vai demorar para os cientistas perceberem um aumento sensível no número de ninhos nas praias.

Apesar do esforço do Tamar, e de dezenas de outras entidades com objetivos parecidos espalhadas pelo mundo, as tartarugas-de-pente, de couro e oliva continuaram criticamente ameaçadas de extinção. A tartaruga-verde e a cabeçuda também correm perigo, apesar de o risco ser menor. Resta torcer para que o esforço de tantos cientistas e pescadores seja recompensado por uma vitória da tartaruga no final da corrida, tal como na fábula que muita gente já ouviu enquanto esperava o sono chegar...

Disponível em www.tamar.com.br

Você sabia:

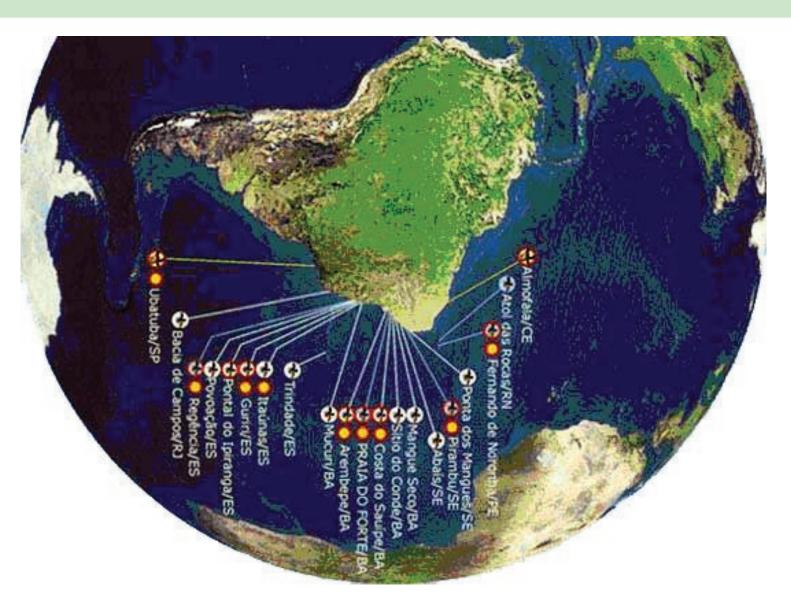
A expectativa de vida das tartarugas marinhas ainda não foi devidamente estudada, mas acredita-se que ela consiga chegar com tranquilidade aos 70 anos.





Secretaria de Estado da Educação do Paraná / Departamento de Ensino Fundamental

unidade 01 ... tartarugas



Secretaria de Estado da Educação do Paraná / Departamento de Ensino Fundamental



A pipa e a flor

... Era uma vez um pipa.

O menino que a fez estava alegre, e imaginou que a pipa também estaria. Por isso fez nela uma cara risonha, colando tiras de papel de seda vermelho: dois olhos, um nariz, uma boca...

Ô, pipa boa: levinha, travessa, subia alto...

Gostava de brincar com o perigo, vivia zombando dos fios e dos galhos das árvores.



Mas aconteceu um dia, ela estava começando a subir, correndo de um lado para o outro no vento, olhou para baixo e viu, lá no quintal, uma flor. Ela já tinha encontrado muitas flores. Só que desta vez seus olhos e os olhos da flor se encontraram, e ela sentiu uma coisa estranha. Não, não era a beleza da flor. Já vira outras, mais belas. Eram os olhos...

A pipa ficou enfeitiçada. Não mais queria ser pipa. Só queria ser uma coisa: fazer o que florzinha quisesse. Ah! Ela era tão maravilhosa. Que felicidade se pudesse ficar de mãos dadas com ela, pelo resto dos seus dias...

E assim, resolveu mudar de dono. Aproveitando-se de um vento forte, deu um puxão repentino na linha, ela arrebentou, e a pipa foi cair, devagarinho, ao lado da flor.

E deu a linha para ela segurar.

Ela segurou forte.

Agora, sua linha nas mãos da flor, a pipa pensou que voar seria muito mais gostoso. Lá de cima conversaria com ela, e ao voltar lhe contaria estórias para que ela dormisse. E ela pediu:

"- Florzinha me solta..."

E a florzinha soltou.

A pipa subiu bem alto e seu coração bateu feliz. Quando se está lá no alto é bom saber que há alguém esperando, lá embaixo.

Mas a flor, aqui de baixo, percebeu que estava ficando triste. Não, não é que estivesse triste. Estava ficando com raiva. Que injustiça que a pipa pudesse voar tão alto, e ela tivesse de ficar plantada no chão. E teve inveja da pipa.



Tinha raiva de ver a felicidade da pipa, longe dela...

Tinha raiva quando via as pipas lá em cima, tagarelando entre si. E ela flor, sozinha, deixada de fora.

"- Se a pipa me amasse de verdade não poderia estar feliz lá em cima, longe de mim. Ficaria o tempo todo comigo..."

E a inveja juntou-se ao ciúme.

Inveja é ficar infeliz vendo as coisas bonitas e boas que os outros têm, e nós não.

Ciúme é a dor que dá quando a gente imagina a felicidade do outro, sem que a gente esteja com ele.

E a flor começou a ficar malvada.

Ficava emburrada quando a pipa chegava.

Exigia explicação de tudo.

E a pipa começou a ter medo de ficar feliz, pois sabia que isto faria a flor sofrer.

E a flor foi, aos poucos encurtando a linha

E a pipa não conseguia mais voar.

Via, ali do baixinho, de sobre o quintal (esta era toda a distância que a flor lhe permitia voar) as outras pipas, lá de cima... E sua boca foi ficando triste. E percebeu que já não gostava da flor, como no início...

... A pipa percebeu que havia mais alegria na liberdade de antigamente que nos abraços da flor. Porque aqueles eram abraços que amarravam. E assim, num dia de grande ventania, e se valendo de uma distração da flor, arrebentou a linha, e foi em busca de uma outra mão que ficasse feliz vendo-a voar nas alturas...

ALVES, Rubem. A pipa e a flor. São Paulo: Loyola, 2004. p.12-24.

Pipa

Voa alto, voa livre.
Bela pipa colorida!
E a criancinha , no parque,
Correndo através do tempo,
Baila, ao sabor do vento,
Empinando a própria vida.

Disponível em www.educaçaopublica.rj.gov.br/biblioteca



O menino maluquinho

A pipa que o menino maluquinho soltava era a mais maluca de todas rabeava lá no céu rodopiava adoidado caía de ponta-cabeça dava tranco e cabeçada e sua linha cortava mais que o afiado cerol. E a pipa quem fazia era mesmo o menininho pois ele havia aprendido a amarrar linha e taquara a colar papel de seda e a fazer com polvilho o grude para colar a pipa triangular como o papai Ihe ensinara do jeito que havia aprendido com o pai e o pai do pai do papai...

ZIRALDO. **O menino maluquinho.** 64. ed. Melhoramentos, 1998. p. 48-49. (fragmento)





DEFEITO: a pipa sobe com muita dificuldade.

CAUSA: provavelmente é pesada demais ou tem resistência excessiva devido ao ângulo quase perpendicular ao vento.

SOLUÇÃO: diminuir a rabiola e verificar se o estirante central não está muito curto ou esperar ter mais vento.

Pipas...Origem...Informações...

A pipa de empinar existe na China desde pelo menos uns 400 anos antes de Cristo. No Japão, onde chegou no século VI, importada da China, os moradores das aldeias se reuniam para construir pipas que chegavam a ter 100 metros quadrados de superfície!

Por essa época, no Ocidente, um sábio grego chamado Arquitas de Tarento, que viveu entre os anos 430 e 360 antes de Cristo, também teria inventado um modelo de pipa. Será que tinha visto e copiado alguma pipa chinesa?

É bem possível que tenha inventado por conta própria mesmo, porque o



homem era um crânio, tanto que bolou várias outras coisas utilíssimas, como o parafuso e a roldana. E sua pipa, que entrou para a história com o nome de "a pomba de Tarento", ele não construiu para brincar, mas para pescar no mar!

Aliás, no Extremo Oriente, pipa também não era brinquedo de moleque, não. Era coisa de gente grande, que as soltava por motivos seriíssimos, como, por exemplo, atrair os favores dos espíritos do céu. Para ter certeza de que eles ouviriam mesmo seus chamados, chegavam a colocar nas pipas uns apitos e cordas que soavam com o vento. Às vezes, com medo de que aqueles sons não bastassem, acrescentavam uma porção de velas, que faziam as pipas parecer enormes lanternas voadoras. Assim, não havia espírito que não as enxergasse!

Os chineses utilizavam-nas também na guerra: soltavam pipas decoradas na forma de monstros, em geral dragões, para apavorar o inimigo. Os romanos devem ter copiado essa idéia deles, quando das suas guerras contra os impérios orientais, porque também passaram a usar pipas em forma de dragão, chamadas justamente *Draco*, para assustar o inimigo. E, para o dragão ficar ainda mais assustador, acendiam neles espécies de buchas.

No século XVIII, o grande filósofo e cientista americano Benjamin Franklin utilizou a pipa em seus estudos sobre a eletricidade. Empinando sua pipa nas nuvens negras de um dia de tempestade, no ano de 1752, provou que o raio era uma descarga elétrica. Daí inventou o pára-raios.

Mais tarde as pipas desempenharam um papel importante num dos maiores inventos do homem: a aviação. Um inglês radicado na Austrália, Laurence Hargrave, inventou uma porção de tipos de papagaios com os quais pretendia voar. Acabou criando um tal de papagaio "celular", na forma de caixas retangulares ligadas umas às outras. Com um trem assim, de 4 papagaios, conseguiu voar a 5 metros do chão em novembro de 1894. Foi a partir desse modelo que o nosso Alberto Santos Dumont inventou o avião.

Em 1901, um papagaio também foi responsável por um feito extraordinário. O inventor do telégrafo sem fio, o italiano Marconi, montou uma antena num papagaio e empinou-o a 120 metros de altitude; desse modo conseguiu



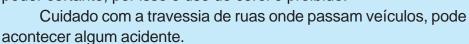
estabelecer pela primeira vez uma comunicação telegráfica entre a Inglaterra e a costa do Canadá.

BRANDÃO, Eduardo. **O empinador de estrela**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.5-6.

Evite áreas com fios elétricos, a pipa pode encostar num cabo elétrico e, se sua linha estiver molhada ou enrolada num objeto de metal (uma lata, por exemplo), ela se transforma num excelente condutor de eletricidade.

Cuidado com pessoas que estão a sua frente.

O cerol e o vidro utilizados para "envenenar" pipas, às vezes, causam graves acidentes, por seu poder cortante, por isso o uso do cerol é proibido.



Siga todas essas medidas de segurança e divirta-se!!!



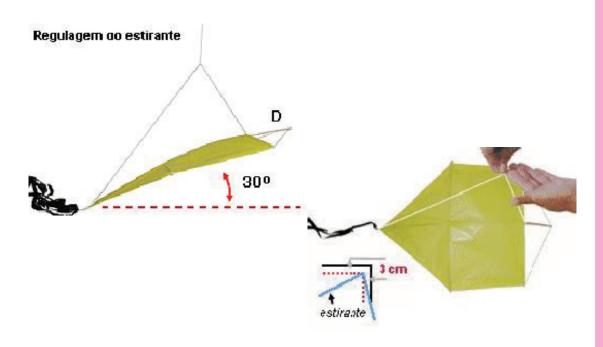


Monte sua pipa Pipa de Combate ou Maranhão



Materiais:

- Varetas de qualquer tipo, sendo:
- 1 de 51cm de comprimento e 2mm de espessura.
- 2 de 32cm de comprimento e 2mm de espessura.
- Tesoura
- Papel de seda
- Cola branca
- Linha 10 Corrente





Uma regra prática para regular o estirante consiste em pendurá-lo e regular de modo que a superfície "D" forme um ângulo de aproximadamente 30º, como se vê na ilustração anterior. Esta regulagem é aproximada, pois a definitiva será feita no momento de empinar. Estique a linha até chegar a um ponto que esteja a dois dedos de distância (3 cm) da extremidade vertical e horizontal e dê um nó, fazendo o ângulo do estirante. A linha para empinar deve ser amarrada neste ângulo



01. Amarre as varetas menores na maior...



04. Corte o papel um pouco maior que a armação, essa margem servirá para a colagem



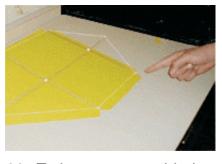
02. Passe a linha em todas as pontas da armação.



05. Em cada extremidade dê dois cortes e pode preparar a cola, logo será usada.

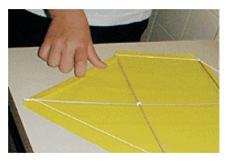


03. Cole a armação sobre o papel, mas deixe uma extremidade de fora, a menor.



06. Todas as extremidades foram cortadas? Muito bem, agora é só começar a colar sem se lambuzar.

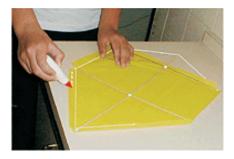




07. Antes de colar, porém, dobre as margens e veja se estão bem ajustadas à linha. O dente do papel pode ficar solto ou colado.



09. Envergue a 1° das varetas e dê uma volta com a linha superior sobre a extremidade da vareta.



08. Passe a cola sobre a margem e vire-a para dentro, aderindo bem.



10. Em seguida é só colocar o estirante (cabestro) e a rabiola.



www.pipas.com.br





SUPERINTERESSANTE, São Paulo, n.170,2001.



Um sonho ecológico

Eu via o pôr-do-sol e meu lado criança entendia que o sol era uma pipa que estava sendo recolhida do céu por alguém que havia brincado o dia inteiro.

Minha imaginação permitiu que eu fosse uma gaivota e tentasse acompanhar o espetáculo, de cima. Então, me senti de asas abertas, desafiando o vento e ganhando altura.

Quando escureceu de vez fui coruja e pela primeira vez pude ver na escuridão. De manhã, eu, andorinha em vôos rasantes, passei a centímetros de prédios, antenas, telhados...

Uma chuva me surpreendeu e, encharcado, mergulhei no oceano. Fui golfinho, polvo, fiz parte de cardumes, pesquisei as profundezas do mar, descobri cavernas, montanhas. Desafiei meus limites como baleia e fiquei encalhado na praia.

Sendo tartaruga me libertei da areia e fui lentamente caminhando em direção à mata, tomei banho de sol como crocodilo, fui ganhando patas ágeis, corpos flexíveis. Fui leopardo, tigre, antílope. Acho que tive o pescoço mais comprido do mundo, depois brinquei com a minha tromba, pensei em me ver no espelho e fiz muitas macaquices.

Dancei nos desertos como avestruz e, porque a sede bateu, fui camelo e me saciei no meu próprio reservatório.

Dei sustos, quando fui hipopótamo, brinquei bastante como foca, vivi bons momentos como rinoceronte e fico emocionado quando me recordo da minha vida de chinchila nas montanhas do Peru e do Chile.

Migrei como cegonha, vi Deus nos nascimentos.

O frio e o cansaço fizeram de mim um urso sonolento se preparando para hibernar.

Dormi o mais longo dos sonos e acordei pensando em continuar experimentando vidas irracionais. Só que meu lado racional me mostrou os riscos que eu havia corrido. Os homens podiam ter acabado com a minha vida de hipopótamo, interessados na minha pele e no marfim dos incisivos. Podiam ter me fuzilado em plena dança de avestruz, visando minhas longas penas brancas para fazerem enfeites. Se me encontrassem como foca, ou me matariam para confeccionar roupas esportivas com a minha pele, ou me levariam para fazer gracinhas que dão dinheiro. Minha preciosa vida poderia ter sido abreviada por um arpão.



Pobre de mim se tivessem me visto como chinchila, como leopardo, como irracional. Corri sérios riscos de ser enjaulado, engaiolado, castrado, embalsamado. Como cegonha, eu estaria migrando para o fim.

Por segurança fui me levantando como ser humano e meu lado realista me disse: muito cuidado com os homens!

LEITE, João Justino Filho.

Asa Branca

Quando olhei a terra ardendo Qual fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação

Hoje, longe muitas léguas Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Pra mim voltar pro meu sertão

Que braseiro, que fornaia Nem um pé de prantação Por farta d'água, perdi meu gado Morreu de sede meu alazão...

LUIZ GONZAGA: Asa Branca. In: __O melhor de Gonzaga. [s.l]: BMG, p1996. 1CD



A raposa e a cegonha

Um dia a raposa convidou a cegonha para jantar. Querendo pregar uma peça na outra, serviu sopa num prato raso.

Claro que a raposa tomou toda a sua sopa sem o menor problema, mas a pobre cegonha com seu bico comprido mal pôde tomar uma gota. O resultado foi que a cegonha voltou para casa morrendo de fome. A raposa fingiu que estava preocupada e perguntou se a sopa não estava do gosto da cegonha, mas a cegonha não disse nada. Quando foi embora, agradeceu muito a gentileza da raposa e disse que fazia questão de retribuir o jantar no dia seguinte.

Assim que chegou a raposa se sentou lambendo os beiços de fome, curiosa para ver as delícias que a outra ia servir. O jantar veio para a mesa numa jarra alta, de gargalo estreito, onde a cegonha podia beber sem o menor problema. A raposa, amoladíssima, só teve uma saída: lamber as gotinhas de sopa que escorriam pelo lado de fora da jarra. Ela aprendeu muito bem a lição. Enquanto ia andando para casa, faminta, pensava: "Não posso reclamar da cegonha. Ela me tratou mal, mas fui grosseira com ela primeiro."

Moral: "Trate os outros tal como deseja ser tratado."

FÁBULAS de Esopo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.



O sapo e o boi

Há muito, muito tempo, existiu um boi imponente. Um dia, o boi estava dando seu passeio da tarde quando um pobre sapo todo mal vestido olhou para ele e ficou maravilhado. Cheio de inveja daquele boi que parecia o dono do mundo, o sapo chamou os amigos:

Olhem só o tamanho do sujeito! Até que ele é elegante,
 mas grande coisa: se eu quisesse também era.

Dizendo isso, o sapo começou a estufar a barriga e em pouco tempo já estava com o dobro do seu tamanho normal.

- Já estou grande que nem ele? perguntou aos outros sapos.
 - Não, ainda está longe! responderam os amigos.
 - O sapo estufou mais um pouco e repetiu a pergunta.
- Não disseram de novo os outros sapos e é melhor
 você parar com isso porque senão vai acabar se machucando.

Mas era tanta a vontade do sapo de imitar o boi que ele continuou se estufando, estufando, estufando, até estourar.

Moral: Seja sempre você mesmo.



O marimbondo

Marimbondo furibundo Vai mordendo meio mundo Cuidado com o marimbondo Que esse bicho morde fundo!

– Eta bicho danado!

Marimbondo

De chocolate

Saia daqui

Sem me morder

Senão eu dou

Uma paulada

Bem na cabeça

De você.

– Eta bicho danado!

Marimbondo... nem te ligo!

Voou e veio me espiar

Bem na minha cara...

- Eta bicho danado!

As abelhas

A aaaaaaabelha-mestra
E aaaaaaas abelhinhas
Estão tooooooodas prontinhas
Pra iiiiiiiir para a festa.
Num zune que zune
Lá vão pro jardim
Brincar com a cravina
Valsar com o jasmim.
Da rosa pro cravo
Do cravo pra rosa
Da rosa pro favo
Volta pro cravo.
Venham ver como dão mel
As abelhinhas do céu!

MORAES, Vinícius. **A arca de Noé.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, s.d. (Literatura em minha casa).



Abelhas e marimbondos podem causar transtornos aos seres humanos.

Muita dor e inchaço é o que sente uma pessoa quando é picada por abelhas ou marimbondos.. Este incômodo passa após algumas horas e não se sofre maiores conseqüências, desde que o ataque não tenha sido feito por um grande número de insetos.

Porém, se a vítima é atingida por várias picadas pode até morrer. Há também casos em que, depois de ser picada, a pessoa desenvolve hipersensibilidade. Quando isto acontece, há reações como prostração e choque anafilático que podem levar essa pessoa hipersensivel, à morte, através de complicações respiratórias.



Adolescer

Adolescer é coisa tão complicada que a própria palavra vem de doer, de adoecer. Exagero dos romanos, que criaram no seu latim a palavra *adolescentia* com essa ambigüidade? Nem tanto. Toda a literatura sobre o tema (que só nos últimos 50 anos deve pesar toneladas) converge em certas questões, destacadas pela psicologia, pela sociologia e por todas as outras ciências que estudam o comportamento humano.

Questões sobre a transição, a aventura de cada descoberta, o desabrochar da sexualidade, as mudanças corporais e o imenso salto intelecto com o acúmulo de informações sobre o mundo que marca essa etapa.

Mas questões também sobre as responsabilidades crescentes e a luta pela autonomia, os conflitos domésticos e entre gerações, os conflitos com o outro e consigo mesmo.

E isso não é tudo: a inserção nas regras do jogo do mundo adulto (e a inevitável contestação a essas regras) vem acompanhada pela perda das facilidades da infância e a perplexidade diante da vida que se entreabre, com suas promessas de delícias e ameaças.

Daí a chamada crise da adolescência, cheia de inseguranças e de espinhas na cara.

Por tudo isso, os adolescentes costumam se sentir incompreendidos pelos mais velhos (na maior parte das vezes, digase de passagem, com toda razão) e adotam comportamentos legítimos no interior da "turma", onde cada passo é compartilhado e a confiança é incondicional.

O adolescente é um bicho ético, que detesta a hipocrisia: está procurando, em cada experiência nova, um fundamento da arte de viver. Para isso, a verdade é essencial. Cada experiência é decisiva porque ele sabe que em cada escolha está se construindo como pessoa. Tudo tem que ser falado, dissecado em miúdos.

Afinal, a vida é uma festa, mas uma festa cheia de mistérios.

MARIANA, Maria. **Confissões de adolescente.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992. p. 5 -6.



Aviso



Chega uma hora na vida Em que tudo o que mais quero É poder ficar sozinho.

Sozinho para pensar.
Sozinho para entender.
Sozinho para sonhar.
Sozinho para tentar
me encontrar ou me perder.

Índia não tem filho no mato? Elefante não morre sozinho?

Por que será Que eu não posso Ficar quieto no meu canto?

Vou pendurar um cartaz Bem em cima da minha cama:

SILÊNCIO! JOVEM CRESCENDO!



Identidade

Às vezes nem eu mesmo Sei quem sou. Às vezes sou "meu queridinho",

Às vezes sou "moleque malcriado".

Para mim
Tem vezes que eu sou rei,
Herói voador,
Caubói lutador,
Jogador campeão.

Às vezes sou pulga, Sou mosca também, Que voa e se esconde De medo e vergonha.

Às vezes eu sou Hércules,
Sansão vencedor, peito de aço,
goleador!
Mas o que importa o que pensam de mim?
Eu sou quem sou,
Eu sou eu,
Sou
menino.



Lilibel

Era uma vez uma garota chamada Lilibel.

E para começar a rimar, eu vou dizer

Que ela tinha olhos cor de mel.

Desenhar bem, pintar sem deixar vazar,

Cantar sem desafinar – nada disso ela fazia.

Seu horror eram as aulas de geometria.

Diziam que sua letra era um

garrancho sem fim.

Às vezes, tinha nota vermelha no boletim.

Era uma menina comportada.

Alguns diziam que era muito calada.

Tinha medo de água, dos meninos

e do professor de matemática.

Adorava a professora de português;

Uma senhora muito simpática.

Lilibel achava que era feia,

muito branca e baixinha.

Na hora do recreio, se não viessem chamá-la

Para brincar, ela ficava sozinha.

Aparelho nos dentes foi obrigada a usar.

Sorria amarelo prateado quando lhe

Perguntavam como faria para beijar.

Havia um garoto, o Guto, que ela achava lindo.

Mas, ele não lhe dava bola, estivesse indo ou vindo.

O sonho de Lilibel era ser uma garota linda de doer.

Dia e noite ela perguntava: Quando isso vai acontecer?

O tempo passou e as coisas começaram a mudar

É que Lilibel descobriu que todo mundo na classe

Também tinha do que se queixar.

A sua melhor amiga tinha medo de trovão.

O garoto mais sabido ficava horrível de calção.

A colega da carteira ao lado era meio gordinha.

E o garoto da de trás, um tampinha.

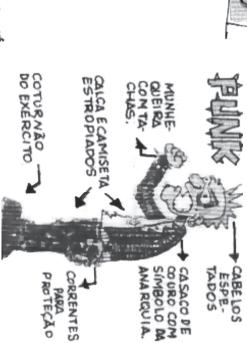
Lilibel não precisou nem de fada madrinha.

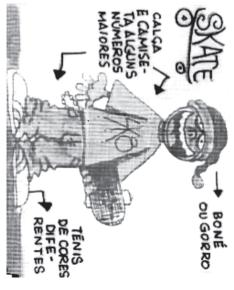
Depois disso, sempre que olhava o espelho, ela dizia:

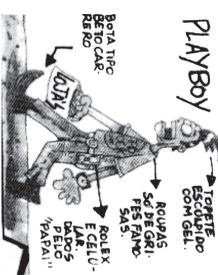
Eu sou uma gatinha!

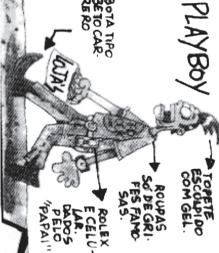
SILVA, Antônio Siqueira. **Lilibel.** In: __Linguagem e vivência: língua portuguesa. São Paulo: lbel, 2001.











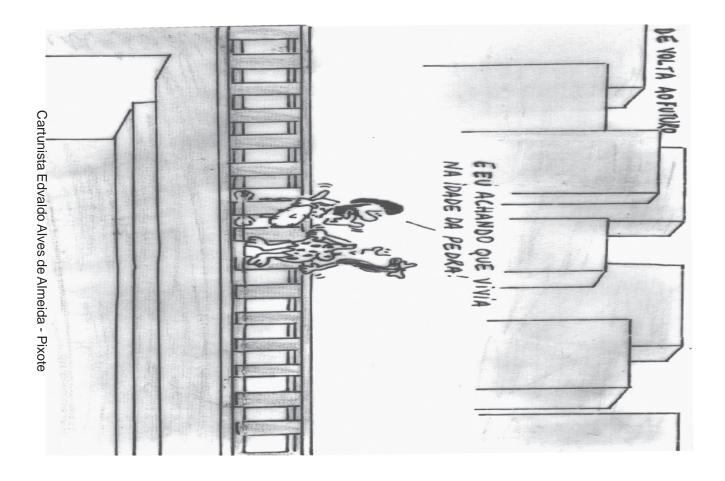
Secretaria de Estado da Educação do Paraná / Departamento de Ensino Fundamental



ANGELI, Pedro. Pais e teens. São Paulo: n. 02, nov, dez. jan.1997.

Pedro Angeli é um dos mais jovens cartunistas brasileiros. Ele nasceu em 1981 e começou a desenhar aos sete anos de idade, influenciado por seu pai, o cartunista Angeli. A intenção de Pedro é tornar-se um ilustrador profissional.







Secretaria de Estado da Educação do Paraná / Departamento de Ensino Fundamental

unidade





História da moradia

Em São Paulo, o início da industrialização provocou o surgimento de bairros operários, habitados por imigrantes e escravos que,libertos, iam morar em habitações coletivas, como as casas de cômodos, e em vilas operárias. As casas de cômodos eram casarões antigos, cujos quartos eram alugados para famílias de baixa renda; o banheiro, a cozinha e a área de lavanderia eram coletivos e as condições de higiene, precárias. A vida era melhor nas casas das vilas operárias, construídas junto às indústrias. Elas geralmente tinham dois ou três quartos, sala, cozinha, latrina, quintal e lavanderia. Como não havia casas para todos, os trabalhadores eram escolhidos de acordo com seu comportamento; aqueles que não se comportavam de acordo com as expectativas do patrão, jamais ocupavam uma casa da vila.

Mas a vida dos brasileiros passou mesmo por uma grande modificação recentemente. Até a década de 1960, a maior parte da população morava no meio rural. De 1970 para cá, os habitantes do país concentram-se em sua, maioria e cada vez mais, nas cidades. É por isso que em tantos lugares, há pouco espaço e prédios tão altos. Este lento deslocamento do campo para a cidade fez com que a população se adequasse, aos poucos, a outro tipo de casa, outros ambientes e, principalmente, à ausência de áreas ao ar livre, que antes eram consideradas parte de seus lares, como os quintais, os jardins e os pomares.

Diferenças e semelhanças

Tudo isso mostra como é diversa a história das moradias, a forma como os diferentes povos encontraram para construí-las e decorá-las. É muito diferente,



também, o relacionamento de cada sociedade com o significado que elas atribuem ao lar. Mas é exatamente a diversidade que torna interessante a história das moradias e os pequenos detalhes que fazem, de cada lugar, um lar diferente do outro.

Mas existem, também, semelhanças e isso explica por que, nos dias de hoje, um brasileiro, nascido em um grande centro urbano, possa se sentir à vontade chegando em uma grande cidade alemã, por exemplo. À primeira vista, os prédios e seus apartamentos serão muito parecidos. Os hotéis, então, serão iguais tendo até a mesma programação de televisão, já que as emissoras de TV a cabo reproduzem programas do mundo todo. Mas a sensação de "se sentir em casa" tende a não durar muito. Quanto mais tempo a pessoa passar em um país que não é seu, mais ela irá notar os detalhes diferentes, seja nos móveis, na disposição dos cômodos ou nos hábitos domésticos. Tudo isso mostra que, apesar das semelhanças, trata-se de uma sociedade diferente. É por isso que a história das moradias pode nos ajudar a refletir a respeito de nossa própria história.

GRINBERG, Keila. História da moradia. **Revista Ciência para as crianças hoje,** São Paulo, n. 118,2001.

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras

Mulheres entre laranjeiras

Pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

DRUMMOND, de Andrade, Carlos. **Poesia completa e prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1978.

Secretaria de Estado da Educação do Paraná / Departamento de Ensino Fundamental





Saudade de escrever

Apesar da concorrência (internet, celular), a carta continua firme e forte. Basta uma folha de papel, selo, caneta e envelope para que uma pessoa do Rio Grande do Norte, por exemplo, fique por dentro das fofocas registradas por um amigo em São Paulo, dois dias depois. "Adoro receber cartas, fico super ansiosa para descobrir o que está escrito", conta Lívia Maria, de 9 anos. Mas ela admite que faz tempo que não escreve nenhuma cartinha. "As últimas foram para a Angélica e para um dos programa do Gugu."

Isabela, de 9 anos, lembra que, quando morava em Curitiba, no Paraná, trocava correspondência com sua amiga Raquel, que vive em Belo Horizonte, Minas Gerais. "Eu ficava sabendo das novidades e não gastava dinheiro com telefonemas." Já Amanda, de 10 anos, também gosta de receber cartinhas, mas prefere enviar e-mails. "Atualmente estou conversando com meu primo que está nos Estados Unidos via computador, já que a mensagem chega mais rápido e não pago interurbano."

TOURRUCCO, Juliana. Saudade de escrever. **O Estado de São Paulo**, p.5, 25 jul.1998. Suplemento infantil.



Uma carta

Coloquei uma carta Numa velha garrafa Mais uma carta De solidão Coloquei uma carta Um pedido da alma Salvem meu coração

Essas areias que me sujam os pés Esse é meu chão mais uma vez Há muitas luas nessa ilha tão só Será que ao menos um navio Eu vou ver e alguma civilização E cada dia sobe mais a maré...



LS JACK. **Uma carta.** In:__ . ÁLBUM:V.I.B.E.[s.l.] gravadora Indie Records.



Pechada

O apelido foi instantâneo. No primeiro dia de aula, o aluno novo já estava sendo chamado de "Gaúcho". Porque era gaúcho. Recém-chegado do Rio Grande do Sul, com um sotaque carregado.

- Aí, Gaúcho!
- Fala, Gaúcho!

Perguntaram para a professora por que o Gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações?

- Mas o Gaúcho fala "tu"! disse o gordo Jorge, que era quem mais implicava com o novato.
- E fala certo disse a professora. Pode-se dizer "tu" e pode-se dizer
 "você". Os dois estão certos. Os dois são português.

O gordo Jorge fez cara de quem não se entregara.

Um dia, o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera.

- O pai atravessou a sinaleira e pechou.
- -O quê?
- O pai. Atravessou a sinaleira e pechou.

A professora sorriu. Depois achou que não era caso para sorrir. Afinal, o pai do menino atravessara uma sinaleira e pechara. Podia estar, naquele momento, em algum hospital. Gravemente pechado. Com pedaços de sinaleira sendo retirados do seu corpo.

- O que foi que ele disse, tia? quis saber o gordo Jorge.
- Que o pai dele atravessou uma sinaleira e pechou.
- E o que é isso?
- Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.
- Nós vinha...
- Nós vínhamos.
- Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutro auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com o gordo Jorge rindo daquele jeito.



"Sinaleira", obviamente, era sinal, semáforo. "Auto" era automóvel, carro. Mas "pechar" o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que "pechar" vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o gordo Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido. Pechada.

- Aí, Pechada!
- Fala, Pechada!

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Pechada. Revista Nova Escola. São Paulo, maio 2001









O Carioquês e Paulistas

Quem quer ser imediatamente identificado no Rio como paulistano fala em *semáfaro*. Ou *farol*, como vulgarmente se diz em São Paulo. Lá, a designação que prevalece é *sinal luminoso*.

E as diferenças estão longe de ficar nisso.

Aqui, um simples *encanador* é convocado quando se trata de reparar vazamento ou infiltração; já no Rio, o profissional chamado é nada menos que um grandiloqüente *bombeiro*. Os *zeladores* de edifício, como cá os denominamos, lá são os *porteiros*. No Rio não há *manobristas* de automóvel, pois no balneário os que exercem essas funções às portas dos restaurantes, teatros, hotéis e afins são chamados de *manobreiros*. *Pivete* é a tradução carioca dos nossos *trombadinhas*. Já os nossos *guardadores*, lá são carinhosamente alcunhados de *flanelinhas*. E com relação ao próprio estacionamento na rua junto à *calçada* como se diz aqui, ou ao *passeio*, como se prefere no Rio — a manobra é feita da mesma maneira, mas lá se estaciona junto ao composto *meio-fio*, ao passo que aqui alinhamos o veículo a uma prosaica *guia*.

E em caso de trombada, com danos à lataria? Em São Paulo, o jeito é procura um funileiro, ao passo que no balneário o procurado deve ser um *lanterneiro*, ainda que um e outro nada tenham a ver com a fabricação de funis ou de lanternas.

A paulistana *carta de motorista* no balneário vira *carteira*. Já a *carteira de cigarros*, lá vendida, aqui é um simples *maço*.

Também é inútil procurar no Rio *presunto* para o *lanche* – ou para a *merenda*, como lá se chama. Deve-se pedir *fiambre*. Presunto fica restrito no balneário aos que partem desta para melhor, abandonados na rua indevidamente.

BRANCO, Frederico. Carioquês e paulistas. Jornal da Tarde, Rio de Janeiro, p.4, 8 jan.1992.



Foz do Iguaçu

Terra das cataratas. Turistas de todo o mundo Querem te conhecer, Suas belezas são tantas Que os que te conhecem Jamais esquecem. Parque das Aves Com tantos tipos de pássaros Andorinhas, pardais, Os pombos andam em casais O urubu grandalhão E o que dizer do gavião? O Marco das Três Fronteiras Que divide três países, Todos eles desiguais Mas que lutam Pelos mesmos ideais. Tem também a hidrelétrica Que não fica atrás Antes era Sete Quedas E hoje, quanta energia nos traz! É a maior do mundo E fica em Foz do Iguaçu

É a Usina de Itaipu.



Marco das Três Fronteiras Obelisco que estabelece o limite territorial entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Aluna Kathryn Andrade – Colégio Camilo Mariano Paganoto – Ensino Fundamental e Médio.



A lenda das Cataratas

Os índios, que em remotos tempos habitaram a região de confluência dos rios Paraná e Iguaçu, recorreram à fantasia para explicar a formação das Cataratas e produziram uma lenda transmitida pela tradição oral e registrada por historiadores. Com algumas variantes, essa lenda traz o seguinte enredo:

Os índios caigangues, que habitavam as margens do rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, o deus Serpente, filho de Tupã.

O cacique da tribo, Ignobi, tinha uma bela filha chamada Naipi. Devido a sua beleza, Naipi seria consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para seu culto. Havia, porém, entre os caigangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá, que ao ver Naipi, por ela se apaixonara.

No dia em que foi anunciada a festa de consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam "cauim" (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá fugiu com Naipi, em uma canoa, que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza.

Quando M'Boy soube da fuga, ficou furioso. Penetrou, então nas entranhas da terra e, retorcendo o seu corpo, produziu uma enorme fenda, que formou uma catarata gigantesca.

Envolvidos pelas águas dessa imensa cachoeira, os fugitivos caíram de grande altura.

Naipi transformou-se em uma rocha abaixo da cachoeira, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas e Tarobá foi convertido em uma palmeira e achase à entrada de uma gruta onde o monstro vingativo vigia eternamente, as suas duas vítimas.

Em outra versão da lenda das Cataratas, Naipi foi convertida em uma rocha que o fogo subterrâneo escalda sem cessar como o amor por Tarobá escaldou seu coração. Desde então, as águas das violentas corredeiras banham seu corpo para apagar os ardores de seu amor sacrílego.

Já quanto ao destino de Tarobá, há concordância nas diferentes versões: foi convertido em árvore à beira do abismo e condenado a contemplar a imagem de sua amada, que vê com olhos de pedra sem poder beijá-lo. De uma gruta o Deus Serpente, vingativo, espreita incessantemente suas duas vítimas, impedindo que se libertem e possam voltar a se unir no amor.

Disponível em www.itaipu.com.br



A lenda das cataratas de todo Brasil

A história de Tarobá e Naipi, das Cataratas do Iguaçu, já foi lida e representada, contada e cantada em verso e prosa. Mas...

Quantas Naipis e Tarobás existem neste Brasil imenso? Inúmeros...

Tarobás e Naipis nordestinos proibidos de serem felizes, submetem-se aos deuses do coronelismo para não morrerem de fome e sede. Transformam-se em cinzas e pedras sem emoção.

Tarobás e Naipis do Sul "tchê" que, em obediência ao pai "turrão", tornam-se em plantação de mate para o chimarrão.

Em Goiás também temos Naipis e Tarobás que, mesmo antes de nascerem, foram comprometidos aos primos subjugados ao dinheiro. Tornam-se então, pedras e coqueiros da opressão.

E como num conto de fadas... São felizes. Não para sempre, é claro.

(Alunos do 3º Ano do Colégio Estadual Bartolomeu Mitre – Foz do Iguaçu – PR)

ITAIPU

Grande invento
Temos para comemorar
Só pode ser a Itaipu
Que veio para mudar
A cidade de Foz do Iguaçu.

Gente de todas as origens Vieram aqui trabalhar Gerando energia e vida.

A hidrelétrica
Trouxe a Foz a evolução
Gerando energia e emprego
Para nossa população

Aluna Ilana Camila Martins Gonçalves – 6ª série – Colégio Est. Mariano Camilo Paganoto – Ensino Fundamental e Médio - Foz do Iguaçu



Itaipu

A palavra ITAIPU é originária da língua tupi-guarani e significa pedra que canta.

Numa divisão simplificada, a história de Foz do Iguaçu tem dois períodos: antes e depois de Itaipu. Terminou a era da evolução lenta e penosa, com surtos de progressos esparsos, e deu-se o ingresso a uma nova era de abrupta e profunda transformação.

Em 1975, as obras de Itaipu foram iniciadas. Em novembro de 1992, a barragem estava erguida.

Para dar uma idéia do impacto que teve Itaipu sobre Foz do Iguaçu, basta considerar que, quando a obra foi iniciada, o município contava com pouco mais de 30 mil habitantes e que, quando da conclusão da obra, contava com perto de 200 mil habitantes.

A ITAIPU do século XXI projeta-se como uma das principais alternativas para incrementar o TURISMO de Foz do Iguaçu – o 4° destino turístico brasileiro mais visitado por estrangeiros em 2001, segundo fontes da EMBRATUR.

A usina entra numa nova etapa de sua história com a ampliação de suas potencialidades turísticas. É a maior hidrelétrica em operação no planeta, um atrativo turístico por si mesma. O complexo turístico inclui o REFÚGIO BIOLÓGICO BELA VISTA, o ECOMUSEU, o PARQUE DA PIRACEMA e a ILUMINAÇÃO MONUMENTAL DA BARRAGEM.

A transformação da água em energia garantiu um novo futuro para o Brasil e, particularmente, para o Oeste do Paraná.

ITAIPU é sinônimo de gigantismo, desenvolvimento e modernidade.

(Alunos do 3º ano do Colégio Estadual Bartolomeu Mitre - 2004 – Ensino Fundamental e Médio- Foz do Iguaçu – Pr)



Encontro entre cão e paciente emociona hospital

Vira-lata saiu de São José dos Pinhais para visitar garoto no HC.

A história de amizade entre um cachorro vira-lata e um menino de cinco anos com leucemia comoveu funcionários e visitantes do Hospital de Clínicas, da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. O menino Orlã Paes Machado, que completa 5 anos hoje e que há um mês tem a doença, teve uma febre alta no último sábado e saiu de sua residência, no Jardim Ipê, em São José dos Pinhais, rumo ao hospital onde está internado. Ontem, porém, ele recebeu uma visita especial e inesperada: a de seu cachorro de estimação.

De acordo com a mãe do garoto, Clarinda Jesus Paes Machado, durante a noite de domingo, o menino afirmou ter escutado o latido de seu cachorro, chamado Coiote. Na hora, ela achou que era uma fantasia de criança. Na manhã do dia seguinte, porém, ela foi até a portaria do hospital e viu cachorro deitado na porta. "Levei um susto. Nem acreditava que era ele, mas quando o chamei ele veio correndo em minha direção", conta Clarinda.

Desde domingo, o animal está em frente ao hospital recebendo o tratamento dos funcionários e da própria mãe do garoto. Apesar do carinho e da boa vontade dos voluntários, o cachorro não quer se alimentar e fica a maior parte do tempo deitado. Sabendo que seu animal de estimação, que o acompanha há cinco anos, estava do lado de fora do hospital, o garoto afirmou estar ansioso para vêlo. Comovidos com a história de Orlã e Coiote, os funcionários do HC levaram ontem o menino até a frente do hospital para ver o cachorro. O encontro, que durou cerca de 20 minutos, foi marcado por muita emoção de ambas as partes.

Segundo Clarinda, a atual preocupação do garoto é que o seu "amigo" volte para casa, pois ele acredita que o cachorro não está seguro exposto ao relento. Como a família não possui veículo próprio nem recurso financeiro para transportar o cachorro, um médico do hospital resolveu pagar um táxi, para que Clarinda levasse o animal para casa.

O reencontro desses verdadeiros amigos, porém, já está com dia marcado: a previsão é que Orlã tenha alta no sábado.

ALGE, Ana Lúcia. Encontro entre cão e paciente emociona hospital. **O Estado do Paraná,** Curitiba, 18 mar.2004.



Cem dias entre céu e mar

Noite escura, sem céu nem estrelas. Uma noite de ardentia. Estava tremendo. O que seria desta vez? A resposta veio do fundo. Uma enorme baleia, com o corpo todo iluminado, passava exatamente sob o barco, quase tocandolhe o fundo. Podia ver sua descomunal cauda, de envergadura talvez igual ao comprimento do meu barco, passando por baixo, de um lado, enquanto do outro, seguiam o corpo e a cabeça. Com o seu movimento verde fosforescente iluminando a noite, nem me tocou, e iluminada seguiu em frente. Com as mãos agarradas na borda, estava completamente paralisado por tão impressionante espetáculo — belo e assustador ao mesmo tempo. Acompanhava com os olhos e a respiração, o seu caminho sob a superfície. Manobrou e voltou-se de novo, e, mesmo maravilhado com o que via, não tive a menor dúvida: voei para dentro, fechei a porta e todos os respiros, e fiquei aguardando, deitado, com as mãos no teto, pronto para o golpe. Suavemente tocou o leme e passou a empurrar o barco, que ficou atravessado à sua frente. Eu procurava imaginar o que ela queria.

Indescritível sensação, servir de brinquedo para um mamífero com pelo menos vinte vezes o peso do meu mundinho. Sentia em cada nervo a sua força. Ouvia o barulho das bolhas passando pelo costado. Difícil acreditar que um dia eu passaria por isto.

Enquanto dentro tudo se inclinava com o desproporcional "carinho" da amiga lá fora, não tirava da cabeça a imagem de seu corpo iluminado de ardentia. Foi um encontro de meia hora: e, quando ela me deixou, estava tão tenso que, sem perceber, adormeci com as mãos ainda segurando o teto.

Meia-noite. Outro golpe no leme. Barulho de lixa. Mais um golpe. Impossível! O medo cedeu lugar à raiva. Não era preciso sair para constatar que agora tratavase de tubarões. Decididamente, não era uma noite para se dormir em paz. Resmungando em voz baixa, pensei mesmo em, munido de arpão, tomar uma atitude drástica contra este abuso de intimidade. Mas no escuro... Novamente a vítima foi o leme. O que haveria de tão interessante no pobre leme? Logo se foram os tubarões, com eles, o meu sono. Com a cabeça apoiada no protótipo de travesseiro (que, assim como a cama, estava abaixo da linha de flutuação), passei a noite pensando nos míseros dez milímetros de madeira que me separavam dos dentes de tão ásperos visitantes.



No dia seguinte fui ao trabalho com o rosto amassado de uma noite mal dormida. Tinha a sensação de estar arrastando um petroleiro – os remos pesavam toneladas. Desanimador domingo sem sol. Não pude nem mesmo calcular a posição.

O céu estava totalmente encoberto. O vento diminuíra, mas as ondas continuavam desencontradas. Quase esqueci que completava a sexta semana no mar.

KLINK, Amyr. **Cem dias entre céu e mar.** 32.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.109-110.

AMYR KLINK (São Paulo, SP, 1955). Tornou-se manchete no mundo inteiro: o primeiro homem a atravessar, num barco a remo, o Atlântico Sul. Sozinho, partiu da Namíbia (África) e cem dias depois chegava a uma praia de Salvador (BA). Sete mil quilômetros de mar, mistérios e emoções indescritíveis, Amry Klink narrou sua extraordinária aventura no livro Cem Dias Entre Céu e Mar.

Minhas férias

Eu, minha mãe, meu pai, minha irmã (Su) e meu cachorro (Dogman) fomos fazer camping. Meu pai decidiu fazer camping este ano porque disse que estava na hora de a gente conhecer a natureza de perto, já que eu, a minha irmã (Su) e o meu cachorro (Dogman) nascemos em apartamento, e, até os 5 anos de idade, sempre que via um passarinho numa árvore, eu gritava "aquele fugiu!" e corria para avisar um guarda: mas eu acho que meu pai decidiu fazer camping depois que viu o preço dos hotéis, apesar da minha mãe avisar que, na primeira vez que aparecesse uma cobra, ela voltaria para casa correndo, e a minha irmã (Su) insistir em levar o toca-discos e toda a coleção de discos dela, mesmo o meu pai dizendo que aonde nós íamos não teria corrente elétrica, o que deixou minhairmã (Su) muito irritada, porque, se não tinha corrente elétrica, como ela ia usar o secador de cabelo? Mas eu o meu cachorro (Dogman) gostamos porque o meu pai disse que nos íamos pescar, e cozinhar nós mesmos o peixe pescado no fogo, e comer o peixe com as mãos, e se há uma coisa que eu gosto é confusão. Foi muito engraçado o dia em que minha mãe abriu a porta do carro



bem devagar, espiando embaixo do banco com cuidado e perguntando " será que não tem cobra?", e o meu pai perdeu a paciência e disse "entra no carro e vamos embora", porque nós ainda nem tínhamos saído da garagem do edifício. Na estrada tinha tanto buraco que o carro quase quebrou, e nós atrasamos, e quando chegamos no local do camping já era noite, e o meu pai disse " este parece ser um bom lugar, com bastante grama e perto da água", e decidimos deixar para armar a barraca no dia sequinte e dormir dentro do carro mesmo; só que não conseguimos dormir porque o meu cachorro (Dogman) passou a noite inteira querendo sair do carro, mas a minha mãe não deixava abrirem a porta, com medo de cobra; e no dia seguinte a cara feia de um homem nos espiando pela janela, porque nós tínhamos estacionado o carro no quintal da casa dele, e a água que meu pai viu era a piscina dele e tivemos que sair correndo. No fim conseguimos um bom lugar para armar a barraca, perto de um rio. Levamos dois dias para armar a barraca, porque a minha mãe tinha usado o manual de instruções para limpar umas porcarias que o meu cachorro (Dogman) fez dentro do carro, mas ficou bem legal, mesmo que o zíper da porta não funcionasse e para entrar ou sair da barraca a gente tivesse que desmanchar tudo e depois armar de novo. O rio tinha um cheiro ruim, e o primeiro peixe que nós pescamos já saiu da água quase cozinhando, mas não deu para comer, e o melhor de tudo é que choveu muito, e a água do rio subiu, e nós voltamos pra casa flutuando, o que foi muito melhor que voltar pela estrada esburacada: quer dizer que no fim tudo deu certo.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O nariz e outras crônicas.** São Paulo: Ática, 1995. p.17-18 (Para Gostar de Ier, v.14)



O Trânsito



- **Art.1.** O Trânsito de qualquer natureza nas vias terrestres do território nacional, abertas à circulação, rege-se pelo Código de Trânsito Brasileiro.
- **§1º.** Considera-se trânsito a utilização das vias por pessoas, veículos e animais, isolados ou em grupos, conduzidos ou não, para fins de circulação, parada, estacionamento e operação de carga ou descarga.
 - **Art.76.** A educação para o trânsito será promovida na préescola e nas escolas de 1º, 2º e 3º graus, por meio de planejamento e ações coordenadas entre órgãos e entidades do Sistema Nacional de Trânsito e de Educação, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, nas respectivas áreas de atuação.



GERINGONÇA ATRAI CURIOSOS

Em 1893, na cidade de São Paulo, que na época contava com 200 mil habitantes, em plena Rua Direita, o povo pára para ver, entre assustados e encantados, um carro aberto com rodas de borracha. Era um automóvel a vapor com caldeira, fornalha e chaminé, levando dois passageiros. O dono do desengonçado veículo era Henrique Santos Dumont, irmão do "Pai da Aviação" com um Daimler inglês, de patente alemã.

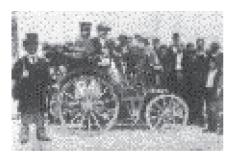
História do automóvel no Brasil. Portal nacional: http://www.portalnacional.com.br

CURIOSIDADE

Qual foi o primeiro carro do Brasil?

Foi um Daimler a vapor trazido por Henrique Santos Dumont, irmão de Alberto, em 1893.

www.novomeio.com.br. Acesso 23/8/05



VOCÊ SABIA

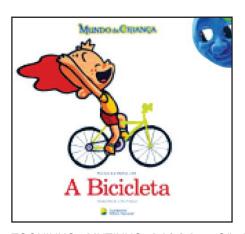
A Lei nº 995, de 20 de julho de 1928, da Assembléia Legislativa de Mato Grosso, permitia que menores de 16 anos conduzissem veículos automotores, "mediante assinatura de termo de responsabilidade por parte dos pais ou tutores".

Fonte: Os automóveis de Cuiabá - década de 20 e 30. Afrânio Corrêa



Frases de pára-choques dos caminhões:

- COSTURAR É PARA MODISTA: PERMANEÇA NA SUA FAIXA.
- NAS CURVAS DA VIDA, ENTRE DEVAGAR.
- 70 ME PASSAR PASSE 100 ATRAPALHAR.
- SE VOCÊ DORMIR NA DIREÇÃO, SEUS PARENTES SERÃO ACORDADOS.
- NAS LONGAS ESTRADAS MORO E, ÀS VEZES, CHORO.
- SÓ O RIO NÃO VOLTA ATRÁS.



TOQUINHO; MUTINHO. A bicicleta. São Paulo: Nacional, 1.ed. Mundo da Criança.

Artigo 58 do Código de Trânsito Brasileiro

Nas vias urbanas e nas rurais de pista dupla, a circulação de bicicletas deverá ocorrer, quando não houver ciclovias, ciclofaixa ou acostamento, ou quando não for possível a utilização destes, nos bordos da pista de rolamento, no mesmo sentido de circulação regulamentado para a via, com preferência sobre os veículos automotores



O uso mais frequente da bicicleta fez aumentar os acidentes com ciclistas. Segundo as estatísticas, 80% envolvem menores de 18 anos.

O Código de Trânsito Brasileiro classifica a bicicleta como um veículo de propulsão humana e seu condutor como ciclista.

Determina deveres, obrigações e proibições que são as mesmas impostas aos demais condutores, para trafegar nas vias públicas. O ciclista desmontado empurrando a bicicleta equipara-se ao pedestre em direitos e deveres.

DEPARTAMENTO DE ESTRADAS E RODAGEM DO PARANÁ. Programa aprendendo e vivendo. 26.ed. Curitiba, 2005.





A história da bicicleta começa no século 18. Em 1790, o conde Sivrac, da França, inventou o Celerífero – parente mais antigo da bicicleta. Esse Celerífero parecia mais patinete: tinha duas rodas, ligadas por um pedaço de madeira. A pessoa colocava um pé na madeira e com o outro dava impulso para o veículo andar. Quer dizer, não tinha muita graça.

A primeira bicicleta mesmo só veio a aparecer em 1816. Ganhou o nome de Draisiana e foi inventada pelo barão alemão Karl Von Drais. Ela já tinha banco e guidom, mas ainda não tinha pedais. Para o veículo sair do lugar, o barão dava impulso com os dois pés no chão. Ele já havia inventado muitas outras coisas (uma máquina de escrever, uma metralhadora, etc.) e estava entusiasmado com sua nova " máquina de correr ", como chamava a bicicleta. Mas quando saía com ela na rua, todo mundo ria e falava que a sua invenção era ridícula. O barão foi chamado até de louco.



Mas nem todo mundo achou a invenção uma má idéia. Alguns continuaram tentando aperfeiçoar a idéia do barão e, em 1858, o francês Ernest Michal inventou um novo modelo, com duas rodas traseiras, ao invés de uma, e pedais na roda da frente. Mas, como as anteriores, era toda de madeira e pesava mais de 45 quilos. As pessoas não gostaram muito da idéia. Um novo modelo só apareceu em 1870. Esse tinha duas rodas e pneus de borracha. Mas a grande diferença era que cada roda tinha um tamanho. A traseira era bem pequena, e a da frente era enorme, em alguns casos chegava a ter até 1,5 metro de diâmetro. Como vocês podem imaginar, os ciclistas viviam caindo com esse modelo. Apesar disso, as bicicletas começavam a fazer sucesso e cada vez mais havia pessoas querendo experimentar as bicicletas e cada vez mais elas foram sendo aperfeiçoadas.

Finalmente, quinze anos depois, apareceu a bicicleta com duas rodas do mesmo tamanho, e a roda traseira ligada aos pedais por uma corrente, como é até hoje. Quem ficou na história mesmo não foi seu inventor, mas o comerciante inglês J. K. Starley, que passou a vender esse modelo de bicicleta com muito sucesso. A partir daí, foram inventadas as bicicletas com marcha, as bicicletas para crianças menores, com três rodas, bicicletas para carregar cargas, etc. Atualmente existem até bicicletas elétricas e, ao que tudo indica, a "máquina de correr " do barão Drais vai continuar dando muito o que falar.

A HISTÓRIA da bicicleta. Folha de São Paulo, n. 1177, 23 mar.1986.

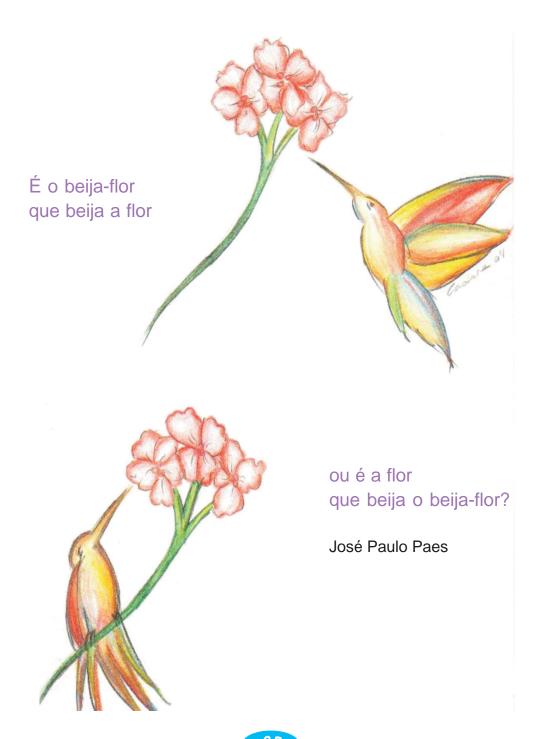


Site: icarito.latercera.cl/.../ terrestre/bicicleta.htm acesso 23/8/05



texto 01

Mistério de amor





texto 02





Uma história de outro jeito

Era uma vez um beija-flor que se apaixonou por uma violeta.

Não era uma violeta maior nem mais bonita do que as outras, mas tinha um jeitinho irresistível de se inclinar sobre a haste de se mostrar, meio se escondendo, por entre as folhas. E o beija-flor, que beijava todas as flores, só se encantava do perfume e da cor da violeta preferida.

Enquanto isso a violeta, beijada por outros beija-flores, só conhecia de cor a cor de cada uma das penas, o ruído das asas, o toque manso do bico de seu beija-flor preferido...

ROMERO, Fernanda saraiva. Uma história de outro jeito. São Paulo: Brasil, 1989. p.1-3





Parêntesis das murmurações

(Murmurava a Vaca no ouvido do Papagaio: "Onde já se viu uma coisa igual? Uma andorinha, da raça volátil das andorinhas, namorando com um gato, da raça dos felinos? Onde já se viu?" E o papagaio murmurava no ouvido da Vaca Mocha: "Onde já se viu, Padre Nosso Que Estais no Céu, uma andorinha andar pelos cantos escondidas com um gato? Ave Maria Cheia de Graça, andam dizendo, eu não acredito, eu não acredito, Creio em Deus Padre, mas pode ser, mas pode ser, Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, que ele anda querendo casar com ela. Deus me Livre e Guarde, ora se está querendo, ora se, Amém." E o Pombo dizia à Pomba, numa murmuração:" Onde já se viu uma andorinha, linda andorinha, às voltas com um gato? Tem uma lei, uma velha lei, pombo com pomba, pato com pata, pássaro com pássaro, cão com cadela e gato com gata. Onde já se viu uma andorinha noivando com um gato?" E a Pomba murmurava ao Pombo, num cochicho: "É o fim do mundo, os tempos são outros, perdeu-se o respeito a todas as leis." Murmurava o Cachorro no ouvido da Cadela: "Pobre Andorinha, passeia com o Gato, mal sabe ela que ele deseja apenas um dia almoçá-la." A Cadela respondia, balançando a cabeça: "O Gato é ruim, só quer almoçar a pobre Andorinha." E o Pato dizia à Pata Pepita: "Reprovo o desairoso proceder dessa tonta Andorinha. É perigoso, imoral e feio. Conversa com o Gato como se ele não fosse um gato. Logo com o Gato Malhado, criminoso nato, lombrosiano." E a Pata Pepita assim respondia ao Pato Pernóstico: "Pata com pato, pomba com pombo, cadela com cão, galinha com galo, andorinha com ave, gata com gato." E as árvores murmuravam, ao passar do Vento: "Andorinha não pode, não pode casar, com gato casar!" E em coro cantavam: "É pecado mortal!" O pai da Andorinha ouviu os rumores, a mãe da Andorinha os rumores ouviu. O pai da Andorinha disse zangado à mãe da Andorinha: "Nossa filha vai mal, nossa filha anda às voltas com o Gato Malhado." A mãe respondeu: "Nossa filha é uma tola, precisa casar." O pai perguntou: "Casar, mas com quem?"

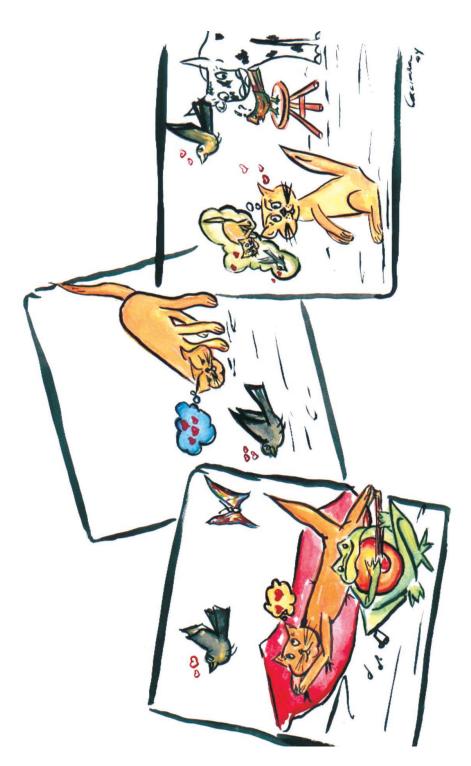
A mãe respondeu: "com o Rouxinol que já me falou." E o parque inteiro tal coisa aprovou: "Que bom casamento para a Andorinha. O Rouxinol é belo e gentil, sabe cantar, é da raça volátil, com ele bem pode a Andorinha casar. Casar só não pode com o Gato Malhado; andorinha com gato, quem no mundo já viu?" E o Papagaio dizia: "Três Vezes Amém.")

AMADO, Jorge. O gato malhado e a andorinha Sinhá. São Paulo: Bertrand Brasil (fragmento)



(a) (b) (c)

texto 03



Caciara A. Xavier





DE ESTADO DA

Detran PR

